

## ***Quando o Rótulo Vem Antes do Diagnóstico: O Perigo de Confundir Telas com Autismo na Prática Pedagógica***

Estudante: Marquiorrane Barros da Silva do Curso Superior de Pedagogia EPT – IFTO. Bolsista do Programa de Iniciação a Docência IFTO. e-mail:

[bmarquiorrane@gmail.com](mailto:bmarquiorrane@gmail.com)

Coautor (a): Ana Paula Rodrigues de Sousa e-mail: [aninhasouzarodrigues1710@gmail.com](mailto:aninhasouzarodrigues1710@gmail.com)

Orientador(a): Kenya Maria Vieira Lopes Docente do Curso Superior de Pedagogia – IFTO. e-mail: [Kenya@ifto.edu.br](mailto:Kenya@ifto.edu.br)

### **1 INTRODUÇÃO**

Nas últimas décadas, a infância passou a conviver intensamente com o uso de dispositivos digitais, como celulares, tablets e televisores. Esse cenário tem trazido impactos significativos ao desenvolvimento infantil, afetando aspectos da linguagem, da socialização, da atenção e do comportamento em geral. No contexto escolar, é comum que professores, ao observarem certos comportamentos atípicos, façam associações imediatas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), ainda que sem um diagnóstico clínico. Essa antecipação, embora muitas vezes bem-intencionada, pode gerar rotulações precipitadas e injustas, prejudicando o desenvolvimento emocional, social e pedagógico da criança (STEINER-ADAIR, 2014; MELLO, 2017).

Por outro lado, o diagnóstico de autismo requer uma análise clínica criteriosa, realizada por uma equipe multidisciplinar e com base em instrumentos padronizados. Autores como Bosa (2015) e Mello (2017) reforçam que o papel da escola deve ser de observação sensível e encaminhamento ético, nunca de julgamento ou conclusão diagnóstica. A formação pedagógica, nesse sentido, precisa incluir discussões sobre o neurodesenvolvimento, o impacto da tecnologia e a ética da observação docente (BOSA, 2015; MELLO, 2017).

O ponto central da pesquisa é discutir como o uso excessivo de telas pode gerar comportamentos que imitam sinais de autismo e, conseqüentemente, levar à rotulação precoce por parte dos educadores. O estudo propõe-se a revisar a produção acadêmica sobre o tema, buscando evidenciar a importância de uma atuação pedagógica ética, crítica e bem informada diante desses desafios (SAVIANI, 2008; CUNHA, 2018).

### **2 OBJETIVO**

Este estudo tem como objetivo geral analisar, por meio de uma revisão de literatura, os impactos do uso excessivo de telas no comportamento infantil e como esses comportamentos têm sido, por vezes, confundidos com sinais do Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto pedagógico. Busca-se compreender os riscos da rotulação precoce de crianças em ambiente escolar e discutir o papel do educador na identificação ética e crítica de sinais comportamentais.

Como objetivos específicos, pretende-se investigar os efeitos do uso intensivo de tecnologias digitais sobre o desenvolvimento infantil, especialmente em aspectos como atenção,

linguagem, socialização e interação; identificar semelhanças entre comportamentos provocados pelo uso excessivo de telas e os sintomas observados no TEA; analisar a postura dos educadores diante desses comportamentos, destacando os riscos da antecipação diagnóstica sem o devido respaldo clínico; refletir sobre a importância da formação docente no reconhecimento de sinais do neurodesenvolvimento, com base em uma abordagem ética, crítica e interdisciplinar; e apontar estratégias pedagógicas que favoreçam a observação qualificada e o encaminhamento adequado, evitando rótulos que possam comprometer o processo de aprendizagem e inclusão da criança.

Dessa forma, a pesquisa pretende contribuir para a formação crítica de professores no enfrentamento de desafios contemporâneos da infância, promovendo uma prática pedagógica comprometida com o desenvolvimento integral da criança (SAVIANI, 2008; PATTO, 2010; MELLO, 2017).

### **3 MATERIAL E MÉTODOS**

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e bibliográfico, conduzida por meio de uma revisão de literatura científica e teórica voltada ao campo da educação e do desenvolvimento infantil.

A coleta de dados foi realizada a partir de buscas em bases de dados acadêmicas, como Google Scholar, Scielo, Periódicos CAPES, ERIC e PubMed, entre os meses de março e maio de 2025. Foram utilizados os seguintes descritores em português e inglês: “uso de telas na infância”, “autismo e escola”, “diagnóstico precoce TEA”, “medicalização da educação”, “comportamento infantil e tecnologia”, “professor e observação pedagógica”, “screen time and autism”, entre outros.

Foram adotados como critérios de inclusão: publicações entre 2008 e 2024, disponíveis em texto completo, com relevância para a discussão da interface entre desenvolvimento infantil, tecnologia, práticas pedagógicas e diagnóstico. Foram incluídos livros, artigos científicos, capítulos de obras e documentos institucionais (OMS, UNICEF). Os principais autores considerados na análise foram: Christakis (2009), Sigman (2015), Bosa (2015), Mello (2017), Patto (2010), Saviani (2008) e Steiner-Adair (2014).

Após a seleção, os textos foram lidos e analisados de forma interpretativa, com o objetivo de identificar pontos de convergência e divergência entre os estudos, bem como aspectos relevantes para a compreensão do tema. Os resultados foram organizados em eixos temáticos discutidos na próxima seção, com base nos objetivos estabelecidos.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **4.1 COMPORTAMENTOS ASSOCIADOS AO USO DE TELAS E DE SUA SEMELHANÇA COM O TEA**

O comportamento de crianças expostas de forma intensa e precoce às telas pode apresentar características como: isolamento social, resistência ao contato visual, dificuldade de manter atenção compartilhada, padrões repetitivos de interesse e déficit na linguagem oral, todos também considerados possíveis sinais clínicos de TEA. Essa sobreposição de características leva muitos professores e até familiares a suspeitarem de autismo, quando, na verdade, o comportamento pode ser uma resposta adaptativa à superexposição digital (STEINER-ADAIR, 2014; MELLO, 2017).

Apesar da semelhança, os comportamentos decorrentes do uso de telas tendem a ser reversíveis quando há uma mudança significativa no ambiente da criança, incluindo a redução do tempo de exposição e o aumento de estímulos sociais e interações presenciais. Em contrapartida, o TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento, com base neurológica e presença de sinais consistentes em diferentes contextos. Isso reforça a necessidade de cautela ao interpretar comportamentos infantis com base apenas na vivência escolar (BOSA, 2015; SIGMAN, 2015).

#### **4.2. A ROTULAGEM PRECOCE E SEUS IMPACTOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

A escola, como espaço de formação integral do sujeito, deve ser lugar de acolhimento e observação, e não de julgamento precoce. Quando o educador antecipa julgamentos e sugere diagnósticos sem respaldo clínico, corre-se o risco de criar estigmas que limitam as possibilidades de aprendizagem e de socialização da criança. Esse processo de rotulação compromete a inclusão, reduz as expectativas sobre o aluno e pode levá-lo ao fracasso escolar (PATTO, 2010; CUNHA, 2018).

#### **4.3. O PAPEL DA FORMAÇÃO DOCENTE NA INTERPRETAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS INFANTIS**

Um dos principais fatores que contribuem para a rotulação precoce de comportamentos atípicos é a fragilidade na formação dos professores em temas como desenvolvimento infantil, saúde mental e neurodiversidade. A ausência de uma abordagem interdisciplinar na formação inicial e continuada dificulta que o educador reconheça os limites de sua atuação e compreenda que a observação pedagógica não é sinônimo de diagnóstico (BOSA, 2015; MELLO, 2017).

#### **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente revisão de literatura evidenciou que o uso excessivo de telas na infância pode provocar comportamentos que, à primeira vista, se assemelham a sinais do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa semelhança, aliada à falta de formação adequada e à pressão por respostas rápidas no contexto escolar, tem levado muitos profissionais da educação a emitirem julgamentos precipitados sobre o comportamento infantil, o que acarreta a rotulação indevida de crianças e compromete tanto sua autoestima quanto seu processo de aprendizagem (CHRISTAKIS, 2009; SIGMAN, 2015; MELLO, 2017).

Conclui-se que a prática pedagógica precisa ser orientada por uma postura ética, crítica

16ª JICE – Gurupi, TO (2025)

e observadora, que compreenda os limites do papel do educador no processo de identificação de possíveis sinais de desenvolvimento atípico. Diagnósticos clínicos devem ser realizados exclusivamente por profissionais da saúde, com base em critérios científicos e avaliação multidisciplinar. À escola cabe observar, registrar e encaminhar com responsabilidade e sensibilidade (BOSA, 2015; TORRES, 2013; SAVIANI, 2008).

O estudo alcançou seu objetivo ao discutir os perigos da rotulação precoce e destacar a necessidade de uma formação docente mais sólida, interdisciplinar e atualizada quanto às transformações do comportamento infantil na era digital. O contato constante com telas não deve ser ignorado nos espaços escolares, e sim compreendido como parte do contexto contemporâneo que exige novos olhares e práticas pedagógicas adequadas (CUNHA, 2018; STEINER-ADAIR, 2014; PATTO, 2010).

## 6 AGRADECIMENTOS

Utilizada para reconhecer instituições, agências de fomento, professores, colegas ou outras pessoas que contribuíram significativamente para a realização do trabalho. Deve ser objetivo e direto. Exemplo: Agradecemos ao CNPq e ao IFTO pelo fomento e apoio na execução do projeto, que viabilizou a realização desta pesquisa, bem como pela concessão da bolsa de Iniciação Científica.

## REFERÊNCIAS

- BOSA, Cleonice Alves. *Autismo: intervenções baseadas em evidências*. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- CUNHA, Maria Isabel da. *A medicalização da educação e da sociedade: uma leitura crítica*. São Paulo: Cortez, 2018.
- MELLO, Maria Luiza de Oliveira. *Transtorno do espectro autista: um olhar psicopedagógico*. São Paulo: WAK Editora, 2017.
- PATTO, Maria Helena Souza. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. 5. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.
- STEINER-ADAIR, Catherine. *The big disconnect: protecting childhood and family relationships in the digital age*. New York: Harper, 2014.
- CHRISTAKIS, Dimitri A. The effects of infant media usage: what do we know and what should we learn? *Acta Paediatrica*, [s.l.], v. 98, n. 1, p. 8–16, 2009. DOI: 10.1111/j.1651-2227.2008.01027.x.
- SIGMAN, Aric. The impact of screen media on children: a Eurovision for parliament. *BMJ Paediatrics Open*, London, v. 2, n. 1, p. 1–5, 2015. DOI: 10.1136/bmjpo-2017-000205.